

## O DISCURSO VIEIRIANO NO SERMÃO DA SEXAGÉSIMA

Maria Fernanda Silva de Carvalho<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente ensaio propõe uma análise do discurso de Padre Antônio Vieira no *Sermão da Sexagésima*, tendo como objetivo mostrar as suas diversas facetas e de que modo essas se unem e dão origem à completude do sermão em questão. Este ensaio aborda ainda alguns conceitos, nos quais se inserem a *retórica* e a *hermenêutica*, apontando para a sua importância na construção do discurso persuasivo de Antônio Vieira.

**Palavras-chave:** Padre Antônio Vieira; *Sermão da Sexagésima*; Discurso; Retórica; Hermenêutica.

Padre Antônio Vieira, importante orador, escritor e religioso português, foi um grande contribuidor da literatura barroca portuguesa e brasileira com seus diversos sermões, entre os quais se destaca o *Sermão da Sexagésima*, pregado na Capela Real de Lisboa, em 1655. Dividido em dez capítulos, o *Sermão* discute a pregação católica e o modo como essa deveria ser realizada para atingir o seu objetivo. Antônio Vieira, fazendo uso da metáfora, na qual relaciona “pregar” a “semear”, mostra, através de elaborados argumentos, os motivos pelos quais a palavra de Deus estava colhendo poucos frutos.

No início do *Sermão*, ainda no primeiro capítulo, é utilizada como exemplo a *Parábola do semeador*, tirada do Livro de Lucas, capítulo 8, que conta que, apesar das diversas dificuldades, o semeador colheu seu fruto. Quando ele começou a semear, uma parte do trigo caiu nos espinhos; outra parte, nas pedras; outra, no chão; mas, na última parte, foi tão grande a sua determinação que o fruto amadureceu, parecendo que cada grão havia se multiplicado. Porém, segundo Antônio Vieira, fazia tempo que os frutos não eram colhidos dessa forma. E, a partir daí, surge o questionamento: por parte de quem isso vinha acontecendo, do pregador, do ouvinte, ou de Deus? No terceiro

---

<sup>1</sup> Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Acadêmica do curso de Letras-Português da Universidade Federal de Santa Catarina [mafescarvalho@gmail.com](mailto:mafescarvalho@gmail.com)

capítulo, a pergunta será respondida por Padre Vieira, que considera o pregador o culpado, porque Deus jamais deixaria de frutificar as suas próprias palavras e porque bons e maus ouvintes sempre existiram e, mesmo assim, os frutos eram colhidos, isto é, a palavra de Deus era pregada.

Ao longo do *Sermão*, são apresentados diversos motivos que justificam os maus resultados dos pregadores. No quarto capítulo, Padre Vieira aponta para o argumento de que apenas as palavras e as obras devem ser pregadas, e não as palavras e os pensamentos, pois são as obras que podem ser vistas e, assim, falar ao coração. No quinto capítulo, a naturalidade, a clareza e a distinção são mencionadas como fundamentais nos púlpitos. No sexto capítulo, Antônio Vieira afirma que o sermão deva possuir um único assunto e uma única matéria, pois é necessário semear apenas uma semente, como fez o lavrador no Evangelho. Já no sétimo capítulo, Padre Vieira coloca como necessário pregar o que é seu, não o alheio, pois as próprias razões nascem com o entendimento, e é apenas o entendimento que convence. No oitavo capítulo, outro fator importante apresentado é falar com voz moderada, familiarmente, não bradar, seguindo o exemplo de Cristo, que, segundo Vieira, era a favor da razão e contra os brados. Desse modo, o ouvinte prestará mais atenção e o sermão irá penetrar-lhe na alma.

Outros dois motivos serão apresentados no nono e no décimo capítulos, e podemos dizer que são esses os mais importantes, pois são eles os motivos conclusivos do *Sermão da Sexagésima*. No nono capítulo, Padre Vieira alerta para o fato de que *as palavras* de Deus são pregadas, porém, é *a palavra* de Deus que deveria ser pregada, pois, apenas assim, o sentido que Ele a deu será realmente mantido. O desfecho do sermão se dá com o décimo capítulo, no qual, fazendo uso das palavras de São Paulo, é dito que a fama não deve importar ao pregador, o que deve lhe importar é pregar o que convém. Padre Vieira complementa esse conselho, argumentando que a pregação que frutifica não é aquela que dá gosto ao ouvinte, mas aquela que o deixa descontente consigo mesmo, que o faz pensar em seus pecados. E conclui dizendo, ainda utilizando as palavras de São Paulo, que ser servo de Deus não é contentar os homens.

A *Parábola do semeador* possui um papel fundamental para o discurso vieiriano no *Sermão da Sexagésima*, pois será a partir da parábola que Padre Vieira consolidará o seu objetivo: transmitir sua mensagem ao ouvinte. A parábola é uma narrativa curta, que descreve algo que acontece na vida real, uma história do cotidiano e, por isso, seu entendimento é fácil. Sendo assim, Vieira utilizará a *hermenêutica* bíblica para facilitar a compreensão e o convencimento do seu ouvinte. A hermenêutica é essa interpretação que Vieira fará do texto bíblico *Parábola do semeador*, esse entrelaçamento entre o texto bíblico e o seu discurso religioso. A hermenêutica torna-se, então, uma estratégia discursiva, pois, em função da imagem que o público tem do texto-base, ele passará a crer no discurso do sermão pregado.

O discurso religioso é um discurso de intencionalidade, ele é utilizado tanto para expressar o pensamento e o posicionamento do orador quanto para levar o outro a aderir a esse posicionamento (SANTOS, 2011). O discurso religioso é, também, um discurso constituinte, pois é heterogêneo, isto é, divide-se entre gêneros doutrinários, aqueles gêneros referentes aos pregadores, e gêneros do cotidiano, que se dedicam ao próximo, para facilitar a sua compreensão. Por isso, o uso da parábola, como já mencionamos.

O *Sermão da Sexagésima* conta com os quatro discursos criados por Aristóteles para expor a arte da pregação e do convencimento. Esses discursos são: o poético, que serve como “introdução” do discurso, construindo uma cena enunciativa, além de relevar o cotidiano do interlocutor para que esse se veja como participante do discurso; o retórico, que é persuasivo, isto é, tem como objetivo convencer o ouvinte a fazer ou deixar de fazer algo; o dialético, que defende uma tese e faz com que o público raciocine a partir do provável, agindo a partir da visão do outro; e, por último, o analítico, que é uma análise baseada nos discursos anteriores, sendo encarregada de fazer conclusões incontestáveis.

No sermão em questão, o discurso poético aparece no momento de introdução, no qual o problema da pregação é apresentado:

Nunca na Igreja de Deus houve tantas pregações, nem tantos pregadores como hoje. Pois se tanto se semeia a palavra de Deus, como é tão pouco o fruto? [...] Assim como Deus não é hoje menos onipotente, assim a sua palavra não é hoje menos poderosa do que dantes era. Pois se a palavra de Deus é tão poderosa; se a palavra de Deus tem hoje tantos pregadores, porque não vemos hoje nenhum fruto da palavra de Deus? Esta, tão grande e tão importante dúvida, será a matéria do sermão. (VIEIRA, 1998)

O discurso retórico, por sua vez, está presente na argumentação de Vieira, “que tem por objetivo fazer com que o ouvinte se posicione diante de algumas proposições que se ratificam” (SANTOS, 2011, p. 7); o discurso dialético apresenta-se no momento em que é dito que a pregação deve ser feita com ou sem fama, mencionando a fala de S. Paulo; e, por último, o discurso analítico, o qual é a comprovação dos argumentos de Vieira, que, baseando-se nos argumentos anteriores, são expostos como corretos. Mas, apesar dos quatro discursos estarem presentes no *Sermão da Sexagésima*, é importante termos em mente que a *retórica* é a técnica que aparece mais fortemente nessa obra.

Em meados do século XVI, os jesuítas consagraram-se na Europa e em outros continentes, fazendo uso da retórica. A retórica aristotélica, utilizada por Vieira, é dividida em quatro partes: *inventio*, que estabelece o assunto do discurso; *dispositio*, que é a ordenação, a disposição dos argumentos; *elocutio*, que se trata da composição linguística do discurso, isto é, a redação, a textualização do discurso, sendo grande responsável para sua eficácia; *actio*, que constitui a exposição e a manifestação do discurso, sendo representado pela dicção e pelos gestos. E, por último, a *memoria*, adicionada ao esquema grego pelo romano Quintiliano, que é associada aos métodos mnemotécnicos, responsabilizando-se pela memorização do discurso.

No primeiro capítulo do sermão, há a confutação, a partir da qual Vieira insere o público no enunciado, criando suspense e lançando diversas interrogações, e a exemplificação, de modo que o texto bíblico servirá como exemplo, facilitando o entendimento do público. É a partir do texto bíblico que se tentará desvendar o mistério, respondendo as perguntas. No segundo capítulo, as analogias são amplificadas: as sementes de trigo equivalem à palavra de Deus; e o lugar onde as sementes caíram, ao coração do homem (SCHMIDT, 2012). No terceiro capítulo, há a divisão do assunto referente à má frutificação da palavra de Deus em três partes: pregador, ouvinte e Deus.

No quarto, Vieira aponta a obra como fundamental, pois essa é sinônima de ação, de realização. Com ela, o outro é impactado, ele a memoriza, pois pode vê-la. Nesse capítulo, podemos observar a presença do *actio*.

O pregar que é falar faz-se com a boca; o pregar que é semear, faz-se com a mão. Para falar ao vento bastam palavras; para falar ao coração, são necessárias obras. [...] A razão disto é porque as palavras ouvem-se, as obras vêem-se; as palavras entram pelos ouvidos, as obras entram pelos olhos, e a nossa alma rende-se muito mais pelos olhos que pelos ouvidos. (VIEIRA, 1998)

No quinto capítulo, *inventio*, *dispositio* e *elocutio* aparecem juntamente com a clareza exemplificativa por meio de analogias e alegorias. No sexto capítulo, também há a presença do *dispositio*, pelo qual Padre Vieira apresenta regras para a pregação de um sermão eficiente. No sétimo, a questão problemática da autoria do discurso é apresentada. No oitavo, o *actio* aparece novamente, através da questão da voz. O nono capítulo aborda a questão da pregação da verdadeira palavra de Deus. O décimo, por sua vez, conclui que “a pregação que frutifica, a pregação que aproveita, não é aquela que dá gosto ao ouvinte, é aquela que lhe dá pena” (VIEIRA, 1998).

O estilo estético de Vieira foi muito favorecido por seu pensamento “essencialmente metafórico” (HANSEN, 1978, p. 173) e também pelo uso da alegoria, pois era desse modo que o pregador transformava sua fala em objeto de persuasão e emoção. Com isso, surge a discussão sobre os dois estilos do Barroco literário: o Conceptismo e o Cultismo. O Conceptismo é marcado pelos jogos de ideias, pelo racionalismo e pela retórica aprimorada. O Cultismo, por sua vez, é caracterizado por sua linguagem rebuscada, extravagante, repleta de figuras de linguagem. Apesar do constante uso das figuras de linguagem, podemos dizer que Padre Vieira era mais conceptista do que cultista, pois o orador objetivava ter um efeito prático e, para isso, precisava ser claro. Vieira era um amante da prova (BOSI, 1989), condenando, assim, o Cultismo. O quinto capítulo do *Sermão da Sexagésima* mostra muito bem essa posição:

---

Este desventurado estilo que hoje se usa, os que o querem honrar chamam-

lhe culto, os que o condenam chamam-lhe escuro, mas ainda lhe fazem muita honra. O estilo culto não é escuro, é negro, e negro boçal e muito cerrado. (VIEIRA, 1998).

As figuras de linguagem eram utilizadas, mas eram também traduzidas por meio da exemplificação. A exemplificação, segundo Goethe, é intimamente ligada à alegoria, pois essa “emprega o particular – nomeação de um objeto, um fato, um fenômeno, um conceito – em função do universal – generalidade ou abstração –, de modo que o particular não passa de uma exemplificação” (HANSEN, 1978, p. 176), uma ilustração do universal.

O discurso de Padre Antônio Vieira não era apenas um discurso religioso, mas também um discurso político e moral. Isso porque Vieira não pretendia apenas salvar aquelas almas que pregavam de forma inadequada, mas também, e principalmente, introduzir pessoas e grupos a uma ação prático-social, pois ele objetivava uma entrada imediata em ação (NEVES, 1988), modificando uma situação anterior.

A política não está presente somente no discurso, mas também na própria figura do pregador. O sermoneiro beneficiava-se de certo poder e de certa autonomia, pois a vontade divina era um fator que intervinha na realidade humana (NEVES, 1988). Sendo assim, Deus intervinha na situação social do sermoneiro. O púlpito é um dos elementos representativos do poder do orador. Afinal, aquele era um local privilegiado, onde o orador proferia o seu sermão, observando a plateia e percebendo, através do olhar, se ela compreendia o que estava sendo dito. Podemos perceber, portanto, a relação de desequilíbrio entre esses elementos.

O pregador possuía apenas a experiência da submissão perante o Evangelho, o qual representava a verdade maior, a verdade de Deus. Porém, é justamente pela ideia de a Igreja ser representante de Deus que o pregador possuía toda a sua autoridade, pois amar a Deus consistia em aderir às regras dessa ordem administrativa. O pregador era considerado o intérprete fiel do texto, investindo assim no papel de representante da origem divina para exercer o seu poder. A partir da formação desse poder e,

consequentemente, da influência que possuíam, os pregadores tornaram-se “Autores da História” (NEVES, 1988, p. 176). Padre Vieira ilustra muito bem essa noção.

Antônio Vieira, como jesuíta, possuía um pensamento político sobre a eficiência do sermão, acreditando que esse deveria ter uma destinação secular (NEVES, 1988), que abarcasse todos os homens, incluindo os considerados “bárbaros” e “incultos”. É a partir desse pensamento que o orador inclui a questão geográfica da pregação no *Sermão da Sexagésima*.

Todos terão sua razão, mas tudo tem sua conta. Aos que têm a seara, pagar-lhes-ão a sementeira; aos que vão buscar a seara tão longe, não-lhes de medir a sementeira e não-lhes de contar os passos. [...] Os de cá, achar-vos-eis com mais paço; os de lá, com mais passos [...]. (VIEIRA, 1998)

Para Vieira, os pregadores que ficam em sua terra e os que saem dela cumprem a mesma tarefa. Porém, os que saem possuem uma vantagem: a realização do discurso de expansão e incorporação (NEVES, 1988), isto é, um discurso que levará a pregação e os ideais católicos a outros povos.

Vieira acreditava, ainda, que o esforço dos pregadores que deixavam suas terras para pregar em terras desconhecidas certamente seria reconhecido e, além de tudo, recompensado, pois confiava que o padecimento trazia benefícios às almas cristãs, que o padecimento se tornaria glória. É importante ressaltar que, quando pregou o *Sermão da Sexagésima* na Capela Real de Lisboa, Antônio Vieira tinha acabado de voltar da Missão do Maranhão. Isso explica essa sua visão a respeito do padecimento, pois Vieira estava falando de si e dos seus, mas, sobretudo, de suas próprias práticas. Com isso, Vieira falava sobre a “ideologia missionária destemida” (NEVES, 1988, p. 183).

Tudo isso padeceram os semeadores evangélicos da missão do Maranhão de doze anos a esta parte. Houve missionários afogados, porque uns se afogaram na boca do grande rio das Amazonas; houve missionários comidos, porque a outros comeram os bárbaros da ilha dos Aroãs; houve missionários mirrados, porque tais tornaram os da jornada dos Tocantins, mirrados da fome e da doença, onde tal houve, que andando vinte e dois dias perdido nas brenhas

matou somente a sede com o orvalho que lambia das folhas. [...] Não me queixo nem o digo, Senhor, pelos semeadores; só pela seara o digo, só pela seara o sinto. Para os semeadores, isto são glórias: mirrados sim, mas por amor de vós mirrados; afogados sim, mas por amor de vós afogados; comidos sim, mas por amor de vós comidos; pisados e perseguidos sim, mas por amor de vós perseguidos e pisados. (VIEIRA, 1998)

É importante observarmos também que, exaltando a perseverança e a coragem dos missionários, Padre Vieira construiu uma ardilosa crítica àqueles que fizeram do paço um fator de influência política, pregando com vaidade e preguiça. É provável que Vieira tenha proferido o seu sermão diante de pregadores aliados ao paço, o que apenas reforça o seu estilo incisivo, repleto de provocações, que certamente contribuiu para despertar a curiosidade e a atenção dos ouvintes, fortalecendo, assim, a sua persuasão.

Vale a pena fazermos, ainda, algumas considerações finais a respeito do *Sermão da Sexagésima*. O sermão, sendo voltado para a exposição pública, com o intuito de evocar a participação dos ouvintes para modificar uma situação anterior, visava, a partir de comportamentos individuais visíveis e notórios, produzir resultados sociais também visíveis e notórios (NEVES, 1988). Com isso, podemos perceber que o sermão possuía intenções de permanência na vida de cada ouvinte, inserindo-se, assim, no auditório como um todo. É desse modo que o *Sermão da Sexagésima* tornou-se exemplo e base para diversos sermões do público, pregados posteriormente.

O *Sermão da Sexagésima* pode ser considerado um prólogo e “uma espécie de tratado geral do sermonário vieiriano” (NEVES, 1988, p. 186), pois, nele, conjunturalidade e transcendentalidade se unem, são compatíveis (NEVES, 1988), transformando-o em modelo para os seus próximos sermões. Podemos considerá-lo, portanto, um sermão vieiriano completo: religioso, moral e político, que tece uma elaborada teia repleta de críticas, mas, sobretudo, de argumentos, os quais são apresentados de forma clara e convincente, como é o dever de um bom sermonário. Sermonário esse que foi Padre Antônio Vieira, que muito mobilizou a atenção de seus ouvintes e que ainda hoje mobiliza a atenção de seus leitores.



## Referências

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1989.

HANSEN, João Adolfo. Vieira, estilo do céu, xadrez de palavras. In: **Revista Discurso** n 9. Universidade de São Paulo, 1978. Disponível em:  
<[http://www.fflch.usp.br/df/site/publicacoes/discurso/pdf/D09\\_Vieira\\_estilo\\_do\\_ceu.pdf](http://www.fflch.usp.br/df/site/publicacoes/discurso/pdf/D09_Vieira_estilo_do_ceu.pdf)>. Acesso em: 23 maio 2012.

NEVES, Luiz Felipe Baêta. Palavra, mito e história no sermão dos sermões do Padre Antônio Vieira. In: RIEDEL, Dirce Côrtes (Org.). **Narrativa: ficção e história**. Rio de Janeiro: Imago, 1988. p. 170-190.

SANTOS, Roberto Clemente dos. **O semeador e o Sermão da Sexagésima**, uma questão de entrelaçamento. In: Anais do Congresso Internacional da ABRALIC, 12.; Curitiba, 2011. Disponível em:  
<<http://www.abralic.org.br/anais/cong2011/AnaisOnline/resumos/TC1041-1.pdf>>. Acesso em: 23 maio 2012.

SCHMIDT, Júlia Marina da Graça. **O Sermão da Sexagésima sob um ponto de vista retórico e estilístico**. Disponível em:  
<[http://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/511080/mod\\_resource/content/0/Schmid.pdf](http://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/511080/mod_resource/content/0/Schmid.pdf)>. Acesso em: 16 maio 2012.

SILVEIRA, Marcelo. **O discurso da teologia da prosperidade em igrejas evangélicas pentecostais**. Estudo da retórica e da argumentação no culto religioso. 2007. 221 f. Tese (Doutorado em Letras). Departamento de letras clássicas e vernáculas, Universidade de São Paulo, 2007. Disponível em:  
<[http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=defini%C3%A7%C3%B5es%20inventio%20dispositio%20elocutio%20memoria%20actio&source=web&cd=2&ved=0CFEQFjAB&url=http%3A%2F%2Fwww.teses.usp.br%2Fteses%2Fdisponiveis%2F8%2F8142%2Ftde-07022008-113110%2Fpublico%2FTESE\\_MARCELO\\_SILVEIRA.pdf&ei=C429T8rrC4j0ggeSuYH7Dg&usq=AFQjCNE3vZmtD5T24TE5W2sBmDQwttSrvq](http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=defini%C3%A7%C3%B5es%20inventio%20dispositio%20elocutio%20memoria%20actio&source=web&cd=2&ved=0CFEQFjAB&url=http%3A%2F%2Fwww.teses.usp.br%2Fteses%2Fdisponiveis%2F8%2F8142%2Ftde-07022008-113110%2Fpublico%2FTESE_MARCELO_SILVEIRA.pdf&ei=C429T8rrC4j0ggeSuYH7Dg&usq=AFQjCNE3vZmtD5T24TE5W2sBmDQwttSrvq)>. Acesso em: 23 maio 2012.

VIEIRA, Padre Antônio. **Sermões**. Erechim: Edelbra, 1998. Disponível em:  
<[http://www.literaturabrasileira.ufsc.br/\\_documents/0006-02139.html](http://www.literaturabrasileira.ufsc.br/_documents/0006-02139.html)>. Acesso em: 14 abr 2012.